



19 de abril a 2 de maio de 2004

Equipe | Edições Anteriores

ALMODÓVAR MAL-EDUCADO

Direto da Espanha, conferimos *La Mala Educación*, o novo Almodóvar inédito no Brasil

SENHORAS E SENHORES: O REVERENDO!

O *Rabisco* aproveita a passagem de Fabio Massari por Santos e troca uma idéia com esse poço de conhecimento musical

O OUTRO TERROR DA ERA BUSH

Cult dos anos 70, *Madrugada dos Mortos* ressurgiu do túmulo numa época muito mais sombria

DIVA ALTERNATIVA EM VÔO SOLO

Ex-baixista do Hole e dos Smashing Pumpkins reúne amigos famosos em seu primeiro disco

UMA MULHER DE PEITO

A crise se alastra na família Jackson com os produtores ruins e as letras idem do quinto álbum de Janet

"SALVE A LEGIÃO"

As Quatro Estações Ao Vivo: um registro histórico de um tempo e de uma banda que se foram

VIVA A DESORDEM!

Mostra celebra a arte brasileira através da desarrumação

BALADAS SANGRENTAS

Concerto de Bob Dylan em 1964 mostra o jovem compositor antes do mito, no auge da *folk music*

CIO DA VOZ QUER CANTAR CHICO BUARQUE EM LA PLATA

Coral corre contra o tempo para participar de concurso na Argentina e trazer o título inédito aos brasileiros

NA TRAVE

Boleiros agrada a todos, mesmo falando de futebol e sendo apenas um bom filme

#60: Ficção científica: Prometeu faz nevar em São Paulo e ninguém se importa

#39: Sensações são criadas, recriadas ou destruídas em diversas dimensões - livros e pessoas não estão imunes

#29: A velha tocava em suas mãos, e não acreditava no que via. Era o mesmo homem, mas com o rosto diferente

#11: Campeonato Brasileiro começa essa semana sem supertimes e com várias equipes no mesmo nível

NA TRAVE

Boleiros agrada a todos, mesmo falando de futebol e sendo apenas um bom filme

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



Existem três tipos de pessoas: aquelas fanáticas por futebol, que sabem todos os lances da última rodada e assistem religiosamente a todas as mesas redondas que passam na televisão; as que acompanham um pouquinho do esporte, gostam de vários times e sempre torcem pela seleção; e, por último, aquele grupo que, como eu, não entende bulhufas sobre a "paixão nacional" e nem sabe o que diabos é um impedimento.

Dessa forma, *Boleiros*, *Era uma vez o futebol*, filme de Ugo Giorgette, parece perfeito para o primeiro grupo e intragável para o último. Mas o filme ganha pontos ao inserir aspectos mais humanos em suas personagens e colocar o mundo das chuteiras apenas como um fio condutor de sua trama, conquistando assim a empatia do espectador, seja ele fã ou não do esporte.

Giorgette é mais conhecido pelas produções *A Festa* e *Sábado*, ambas ambientadas quase que totalmente em um único cenário, um baile e um elevador, respectivamente. Em *Boleiros*, o diretor também limita o espaço de seu filme, desta vez a uma mesa de bar onde alguns amigos, todos ligados ao meio futebolístico, reúnem-se regularmente para conversar sobre as glórias do passado. É através dessas conversas que o espectador fica sabendo, em meio a vários *flashbacks*, da história de um juiz que teve que forjar um pênalti para continuar vivo; o craque que hoje vive na miséria mas que não deixa o orgulho de lado; o jogador com uma contusão que recorre a um curandeiro para se recuperar; outro prestes a ser negociado para a Itália; um garoto de rua que tem todas as características de um craque da bola; e um jogador garanhão tentando fugir da marcação do técnico e abandonar o jejum sexual na véspera de uma importante partida do campeonato.

Se *Boleiros* não prima pela criatividade narrativa, os enquadramentos e movimentos de câmera também seguem os mesmos passos, sendo



Search input field with an 'OK' button.

Picosearch

extremamente convencionais (com exceção dos planos-sequência da abertura e do encerramento), demonstrando uma certa preguiça do diretor, que aponta todo seu foco no roteiro (também de sua autoria). Mas, mesmo com um roteiro bem alinhavado nas mãos, em certos momentos o filme peca pela artificialidade,



justamente pela incapacidade de Giorgette de injetar emoção ou mesclar humor e melancolia. Caso da história do jogador que veio de baixo e agora está sendo negociado para atuar no exterior. A trama é narrada de forma frouxa, sem muito sentido. Nem mesmo a questão do preconceito racial é explorada devidamente, sumindo da mesma forma que aparece. O único momento interessante é a brincadeira em cima dos programas de mesa redonda e só. Outra história mal aproveitada é a do juiz que faz o possível para um determinado time ganhar uma partida e salvar sua pele das dívidas de jogo. O que poderia render momentos cômicos é apenas mostrado de forma rápida, sem muita empolgação, apesar da boa atuação de Otávio Augusto.

Mas se, em alguns momentos, *Boleiros* peca pela superficialidade, em outros mostra a que veio e diverte. Caso da história do jogador que, pela insistência de três torcedores fanáticos pelo Corinthians, procura um curandeiro para resolver um problema no joelho e devolver o time às vitórias. O roteiro retrata com perfeição e humor o fanatismo com que certas pessoas encaram o futebol. Mas o melhor do filme são os amigos que estão reunidos na mesa do bar. São eles que amarram as várias histórias e nos fazem esquecer da mão pesada de Giorgette em alguns momentos.



É nessa hora também que o diretor acerta e imprime uma certa melancolia à narrativa do filme, acentuada pela bela trilha sonora de Mauro Giorgette. Afinal, para o ex-juiz e ex-jogadores que estão ali sentados só restam as lembranças de uma época de ouro onde eles estavam sob os holofotes e tinham seus talentos reconhecidos. Questões como velhice e ostracismo mudam um pouco o tom do filme e acabam conquistando o público. Palmas

para a emocionante atuação de Flávio Migliaccio que se destaca em meio a um elenco correto e cheio de participações especiais, como Lima Duarte, Marisa Orth, Denise Fraga e Rogério Cardoso. *Boleiros* pode até não ser tão emocionante quanto uma partida de final de Copa do Mundo (para quem gosta), mas fica bem longe da chatice das famigeradas mesas redondas. Bateu na trave. 🍷